



Congresso Internacional
de Administração
ADM 2023

27 a 30
SETEMBRO



O NEÓFITO PELO NEÓFITO: COMPREENSÃO DE NOVOS CONVERTIDOS RELIGIOSOS E O CONSUMO TRANSICIONAL

THE NEOPHYTE BY THE NEOPHYTE: UNDERSTANDING OF NEW RELIGIOUS CONVERTS AND TRANSITIONAL CONSUMPTION

MARKETING: CULTURA E CONSUMO

Franciani Fernandes Galvão Mulina, Faculdade São Vicente de Irati, Brasil, francianigalvao@gmail.com

Fabiana Gondim Mariutti, Universidade Federal de São Carlos, Brasil, famariutti@yahoo.com.br

Resumo

Esse estudo interdisciplinar aborda teorias relacionadas da antropologia e de marketing, especificamente a teoria da liminaridade alinhada à teoria da cultura de consumo. O objetivo do estudo baseia-se em compreender e caracterizar o neófito da religião protestante pentecostal. A aplicação de entrevistas foi escolhida para cumprir este objetivo de pesquisa junto a novos convertidos pertencentes à uma igreja localizada no interior do Estado do Paraná. Foram selecionados vinte participantes (oito mulheres e seis homens) por conveniência e critério de escolha foi neófitos entre seis meses e dois anos participantes na igreja. A partir da transcrição das entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo. Os resultados apontam os estágios de transição na religião protestante, as características do protestante neófito liminar, identificando-se três posicionamentos dimensionais individuais para classificar os novos convertidos: Conhecimento, Comportamento e Participação.

Palavras-chave: neófito; ritos de passagem; religião; liminaridade; teoria da cultura de consumo.

Abstract

This interdisciplinary study addresses related theories from anthropology and marketing, specifically the theory of liminality aligned with the theory of consumer culture. The objective of the study is based on understanding and characterizing the neophyte of the Pentecostal Protestant religion. The application of interviews was chosen to fulfill this research objective with new converts belonging to a church located in the interior of the State of Paraná. Twenty participants (eight women and six men) were selected for convenience and the selection criterion was neophytes between six months and two years participating in the church. Based on the transcription of the interviews, content analysis was used. The results point to the stages of transition in the Protestant religion, the characteristics of the liminal neophyte Protestant, identifying three individual dimensional positions to classify the new converts: Knowledge, Behavior and Participation.

Keywords: neophyte; rites of passage; religion; liminality; consumer culture theory.

1. INTRODUÇÃO

As diversas organizações contam com aspectos de transição social distintos e ao mesmo tempo aglutinadores de senso comum, como os ritos sociais. Sejam organizações religiosas ou não, o indivíduo social passa por etapas liminares de transição social. Porém entende-se que nos ritos religiosos, o aspecto do novo convertido é melhor visualizado e neste contexto o consumo de aspectos relacionados ao novo papel são direcionadores do novo comportamento.

Para tanto, descreve-se o entendimento do cristão protestante neófito na atual conjectura social, diante de sua característica, forma e propensão a consumir produtos e serviços relacionados à sua nova estrutura de crenças e valores religiosos adquiridos no novo papel. Ao transcrever a contextualidade do estudo para o léxico "cultura de consumo", ênfase se faz no mundo das mercadorias como centralidade e seus princípios de estruturação para compreensão da sociedade (Featherstone, 1995), logo, os estudos da liminaridade podem ser encontrados no processo de consumo na fase de transição do indivíduo, sendo nomeado como 'consumo transicional' (Noble & Walker, 1997).

Neste aspecto, as mudanças ocorrem pontualmente no decorrer da passagem da fase liminar, podendo modificar a forma de pensamento do indivíduo, fazendo-o transitar, linearmente, levando a diminuição de suas incertezas e consolidando uma nova identidade. Portanto, sendo a religião uma das facetas da cultura de consumo (Goodman & Cohen, 2004), a cultura de consumo do fiel pode representar aquilo que mais o qualifica enquanto protestante ativo, pois, seus usos e costumes desempenham papel em congruência com esta nova manifestação e crença, tornando este consumo a própria identidade religiosa do indivíduo.

O consumo transicional ou na fase de transição do indivíduo é o ponto teórico em que acredita-se culminar a relação da passagem do estado de liminaridade, ou seja, interligaria a noção de transição e consumo, e os consumidores em transição trazem contribuição à junção da pesquisa de consumo simbólico e construção de identidade (Voice Group, 2008; Hogg, Maclaren & Curasi, 2003). Uma mudança em um papel de vida significativo marcado por um período de transição ou liminar durante o qual as (a) identidades pessoais estão suspensas, produzindo consequências psicológicas significativas, e o (b) consumo simbólico pode ser usado para facilitar a transição para o novo papel. (Noble & Walker, 1997, p.32).

O indivíduo pode usar o consumo de bens para ajudar nas transições durante os períodos de liminaridade e, desta forma, o consumo simbólico (Belk, 1988) teria o papel de moldar os significados de si mesmo e de sua identidade (Voice Group, 2008). Então, presume-se que quanto mais significativa for a transição, mais provavelmente o consumo será utilizado para facilitar a transição para o novo papel ao reduzir a incerteza (Solomon, 1983). Logo, o consumo simbólico facilitaria esta passagem (Noble & Walker, 1997), estreitando a lacuna entre o eu real e o eu ideal (Patrick, Macinnis & Folkes, 2002) e esta nova posse poderá então contribuir para o desenvolvimento da nova identidade (Noble & Walker, 1997).

Esta pesquisa busca, com uso da teoria da Liminaridade - Van Gennep e Turner - direcionada ao contexto do novo convertido, o neófito da religião protestante, compreende-se seu comportamento no dia a dia com o grupo religioso e no seu cotidiano, a partir de características do neófito enquanto indivíduo em transição na religião protestante. Levando ao seguinte questionamento: quando se dá a transição da não conversão para o estado de novo convertido a partir do consumo e qual é a forma de identificação individual de transição, utilizando a teoria de liminaridade, ritos de passagem e cultura de consumo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A tendência de implicitamente ou explicitamente equacionar a liminaridade com o sagrado e o poder transformativo é para privilegiar o acesso e o controle do homem ao sagrado (Stephenson, 2005). Liminaridade é a passagem entre o status e o estado cultural que foram definidos cognoscitivamente e articulados logicamente, é o "limbo de ausência de *status*" (Turner, 1974, p. 120).

Liminaridade, ritos e consumo

Na visão antropológica, a liminaridade, partindo dos indivíduos e dos papéis sociais que estes desempenham, é interpretada como um período de isolamento e autonomia, uma experiência individual complementar ao grupo social (Da Matta, 2000), também um espaço social

caracterizado por graus ritualizados de separação da sociedade (McKechnie, Jaye & MacLeod, 2010), passados pelo neófito. Nesses períodos de passagem, como por exemplo, da infância para a adolescência, fase da maternidade, fase de estudos na graduação, um período liminar, é que os neófitos são forçados a pensar sobre a sua sociedade, seu universo e os poderes que geram e sustentam a ambos (Turner, 1990), em conjunto. A liminaridade vista como um estado de transição entre os diferentes modos de ser leva as pessoas à possibilidade de moverem-se entre diferentes comunidades e diferentes quadros de experiência social, para que novas ideias e conhecimentos surjam (McKechnie, Jaye & MacLeod, 2010; Jeyaraj, 2004). Assim, liminaridade também se refere a um espaço social caracterizado por graus ritualizados de separação da sociedade (McKechnie, Jaye & MacLeod, 2010).

Estudos do consumo em religião remontam o sagrado e o profano no comportamento do consumidor, abordam o consumo como um veículo para experimentar o sagrado (Belk, Wallendorf & Sherry, 1989). Nesse sentido, Belk, Wallendorf e Sherry (1989) trataram da experiência do sagrado ou sacralização (ritual, peregrinação, herança, etc.), da perpetuação do sagrado (rituais, legados, etc.) e dessacralização (racionalização, não separação do sagrado e profano, rituais de investimento intencionais, perda do objeto sagrado, etc.), da venda de bens sagrados (Belk, Sherry & Wallendorf, 1988), da sacralização de parque com a temática religiosa (O'Guinn & Belk, 1989), da filiação religiosa que afeta critérios usados para tomada de decisão para a compra (Hirschman, 1985), dos significados sagrados do dinheiro (Belk & Wallendorf, 1990; Hirschman, 1988), e da distinção do sagrado "envolvendo a experiência de um indivíduo com a religião, espiritualidade, adoração, e Deus" (Iacobucci, 2001; Rinallo, Scott & Maclaran, 2012). Rinallo, Scott e Maclaran (2012) pontuam ainda a ideia da noção de culto à marca e identificar os mitos de sustentação que fundamentam o aspecto religioso do consumo Macintosh (Belk & Tumbat, 2005), sugestões sobre como criar cultos à marca e transformar clientes em "verdadeiros crentes" (Atkin, 2004; Ragas & Bueno, 2002), trabalhos teológicos sobre a cultura popular (Ostwalt, 2003), experiências transcendentais pela prática de consumo sagrado (Rinallo, 2009), ilustração de como a necessidade humana por espiritualidade e transcendência pode ser encontrada em atividades culturais e de consumo popular (Belk, Wallendorf & Sherry, 1989). Diante deste panorama, para Belk, Wallendorf e Sherry (1989), os aspectos sagrados do comportamento do consumidor podem ser interpretados para aumentar a sua compreensão, auxiliando na legitimação de metáforas e construção com base na religião, espiritualidade e magia na pesquisa de consumo (Rinallo, Scott & Maclaran, 2012).

Como exemplo da importância do estudo do ritual, existem também autores que trabalharam com emoção e aprendizagem em ritual na religião, como Anthony Wallace (1966) que, em seu livro *Religion: an Anthropological View* apresentou o conceito de "processo de aprendizagem ritual", trabalhando com o que chamou de "lei da dissociação", e compõe a ideia do por que o neófito foi colocado num estágio em que ele ou ela é então (radicalmente) dissociado do conhecimento anterior antes deste lhe ser apresentado com maior quantidade de nova informação, em local novo onde as reestruturações cognitivas e afetivas seriam então facilitadas a eles (Myerhoff, Camino & Turner, 2005). Demonstra-se a existência de várias fases desse tipo de aprendizagem durante a liminaridade, sendo elas: pré-aprendizagem ou antecipação; separação (por meio de privação sensorial, estímulos monótonos, estresse físico extremo e similares); sugestão (alta sugestibilidade associada com transe e dissociação, às vezes tida como a conversão ou a posse); execução (realização de uma nova estrutura cognitiva); e manutenção (através da repetição ou reforço), ocasionalmente envolvendo uma ressíntese. (Myerhoff, Camino & Turner, 2005).

Neófitos e Indivíduos Liminares

O neófito, que é o indivíduo iniciado ou noviço no processo de transição, nesta situação liminar, é conduzido a um estado de reflexão, no qual as suas ideias, sentimentos e feitos, que até então configuraram os pensamentos, e que eles aceitaram de maneira imediata, veem-se dissolvidos

em partes componentes. Estes componentes acabam por serem separados um a um e convertidos em objetos de reflexão para os neófitos, mediante o processo de exageração componencial e dissociação das variantes concomitantes (Turner, 1990, p.117). Para as religiões, o indivíduo liminar é comumente notado, porém, este, não recebe atenção adequada que o auxiliem neste trajeto pela identificação do mesmo como ser liminar. Toda religião e seita que recebe novos entrantes trabalham com este indivíduo, mas geralmente de maneira a não destacar intensivamente esta qualidade de neófito ou noviço. E acaba por se tornar um problema de comunicação, pois, é impreterível saber comunicar a essência do que se prega para este indivíduo que muitas vezes não compreende os dogmas da religião ou seita que está frequentando.

Entende-se que os neófitos são meramente entidades em transição, não tendo ainda posição ou lugar (Turner, 1974). Entre suas características são a submissão e o silêncio, submete-se a autoridade da comunidade total, que é a depositária da gama completa dos valores da cultura, normas, atitudes, sentimentos e relações. Os noviços são despojados das roupas seculares quando passam através de um portão simbólico, sendo nivelados pelo fato de abandonarem seus antigos nomes, dando-se a todos a designação comum de noviços e tratados da mesma maneira. (Turner, 1974). Assim, "Os poderes que modelam os neófitos na liminaridade para a entrada em uma nova "condição", nos ritos em todas as partes do mundo, são considerados poderes sobre-humanos, embora sejam invocados e canalizados pelos representantes da comunidade." (Turner, 1974, p. 130). Todavia, é importante salientar que nem todas as mudanças envolveriam a transição liminar, pois esta envolve a mudança de papel que modifica abruptamente o senso interior do 'eu' ou muda de lugar com o sistema social, pois os indivíduos mantêm em suas vidas vários papéis que variam em termos de sua importância para definir o 'eu' (Turner, 1978). Logo, os eventos da vida que desenrolam as transições liminares tendem a envolver papéis que são mais centrais para a autodefinição.

Em um sentido religioso, a liminaridade é ainda evidenciada pela solidão, alienação da existência social, e retirada da estrutura social presente (Shomaker, 1989). Descrita em pesquisas empíricas como um estado de identidade incerta em que as pessoas relatam sentir-se "no vácuo", "no ar", "nem aqui nem lá" e "em pontas soltas" (Ibarra, 2007; 2003; Ebaugh, 1988; Bridges, 1980; Osherton, 1980), um estado psicológico em que o indivíduo quebra ou perde uma conexão autodefinida em uma importante área social (Ibarra, 2007; Ashforth, 2001; Turner, 1969; Noble & Walker, 1997). As pessoas experimentariam a liminaridade como um momento de confusão, insegurança ou incerteza, pois elas sentem que perderam a linha narrativa de sua vida (Ibarra, 2003; 2007).

Para Rutherford e Pickup (2015), o espaço liminar seria afetivo, porém, não somente no sentido de emoção e nem pode ser reduzido à afetividade/simpatia ou à percepção de um sujeito individual (Thrift, 2008), pois ele contempla intensidades, sensações e energias que estariam além do mundo interior ou interioridade do sujeito humano (Zembylas, 2007). Uma sequência ritual ou esquema de ritos de passagem foram cunhados por Van Gennep (1909), agregados e direcionados pela teoria da liminaridade em Turner (1974) e adaptados pela pesquisa relacionada ao consumo por Noble e Walker (1997). E essas fases de transição são a perfeita junção de ideias de estudos temporais que abrangem os diversos rituais de passagem, as quais podem ser agregadas em uma ideia que remonta à transição conforme idealizado um modelo conceitual desse estudo no Quadro 1.

Van Gennep (1909)	Separação		Margem	Reagregação	
Turner (1974)	Pré-Liminar		Liminar	Pós-Liminar	
Noble & Walker (1997)	Evento com objetivo gatilho	Desligamento simbólico do papel	Ambiguidade de papel	Absorção simbólica do novo papel	Benefícios psicológicos

Quadro 1 - Fases de Transição nos Ritos de Passagem

Fonte: adaptado de Van Gennep (1909), Turner (1974) e Noble e Walker (1997).

3. MÉTODO

A abordagem qualitativa foi adotada para cumprir o objetivo desse estudo, pautada no paradigma interpretativista, para compreensão dos novos convertidos na religião protestante de uma igreja no interior do Estado do Paraná. Como critério de escolha, apenas neófitos que entraram na nova religião no período entre seis meses e dois anos foram selecionados, por conveniência amostral. As entrevistas com os neófitos serviram para compreender os passos, o consumo e a identidade que os caracterizam durante a fase de transição dentro da organização religiosa.

As bases teóricas que envolvem o núcleo duro desta pesquisa são as teorias de liminaridade de Van Gennep (1909), Turner (1974) e Noble e Walker (1997). Assim, diante da necessidade de abarcar o contexto da cultura de consumo, utilizou-se o roteiro de adaptadas de Barros (2007), sobre o perfil e a história de vida do neófito, informações relacionadas ao consumo como a identificação de orçamento e hierarquia de escolha, ritos de consumo envolvendo a nova religião, marcas e/ou lojas consumidas e aspiracionais, lazer e mídia, relações com a igreja e visão de futuro numa fase de convertido. Os dados coletados foram triangulados para fornecer um relato sistemático e crítico da experiência dos participantes em sua comunidade. A partir das entrevistas transcritas, a análise de conteúdo foi baseada no círculo hermenêutico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

o Nessa seção, são apresentados os resultados, com extratos das entrevistas e a interpretação dos dados alinhados ao embasamento teórico do estudo. *À priori*, o perfil dos entrevistados (04 casais e 06 indivíduos) é apresentado na Tabelas 1.

entrevi- stado	ida- de	sexo	formação	ocupação	renda	residência	tempo de igreja	gastos após conversão	tempo de entrevista
C1H	45	H	EM	empregado	2800	própria	9 meses	R\$ 200	1:05:50
C1M	44	M	EM	empregado	1530	própria	9 meses		
C2H	31	H	EM	empregado	2100	própria	2 anos	R\$ 500	1:15:50
C2M	28	M	ES	empregado	1500	própria	2 anos		
C3H	32	H	EF	empregado	Não informado	família	1 ano e 6 meses	R\$ 500	1:33:20
C3M	36	M	Técnico	autônomo	Sem estimativa	família	1 ano e 6 meses		
C4H	30	H	Esp./ Técnico	empregado	Não informado	própria	6 meses	Aprox. R\$ 800	2:01:40
C4M	30	M	ES	empregado	Não informado	própria	6 meses		
E1M	21	M	Técnico	Não empregado	0	família	8 m	R\$ 200	0:38:54
E2M	24	M	Técnico	empregado	1200	alugada	1 ano	Sem estimativa	0:51:40
E3M	*	M	Técnico	empregado	2400	alugada	1 ano	R\$ 2000	0:38:03
E4M	18	M	EM	Não empregado	0	família	1 ano	Sem estimativa	0:34:10
E5H	16	H	EM	estudante	0	família	1 ano 3 mês.	R\$ 600	0:55:07
E6H	39	H	Técnico	empregado	1500	própria	1 ano e 6 mês.	R\$ 50/mês	0:31:40

Tabela 1 - Dados Demográfico dos Casais de Neófitos e indivíduos neófitos

Fonte: dados de pesquisa (2019). * Idade não informada; EM=ensino médio; EF=ensino fundamental; Esp.= especialização; ES=ensino superior

Embasando-se nos dados analisados das entrevistas e diante da descrição das propriedades da liminaridade, algumas características parecem relegadas à função das propriedades dos sistemas de posições sociais apontados por Turner (1974). Então, sugere-se a classificação referente ao novo convertido, conforme o Quadro 2 abaixo:

Propriedades da Liminaridade		NOVO CONVERTIDO		Propriedades dos sistemas de posições sociais	
<i>Transição</i>	X	<i>Transição</i>			Estado
Totalidade		<i>Parcialidade</i>	X	X	<i>Parcialidade</i>
Homogeneidade		<i>Heterogeneidade</i>	X	X	<i>Heterogeneidade</i>
<i>"Communitas"</i>	X	<i>"Communitas"</i>			Estrutura
Igualdade		<i>Desigualdade</i>	X	X	<i>Desigualdade</i>
Anonímia		<i>Sistemas de nomenclatura</i>	X	X	<i>Sistemas de nomenclatura</i>
Ausência de propriedade		<i>Propriedade</i>	X	X	<i>Propriedade</i>
<i>Ausência de "status"</i>	X	<i>Ausência de "status"</i>			"status"
<i>Nudez ou uniformidade de vestuário</i>	X	<i>Uniformidade de vestuário</i>			Variedade de vestuário
<i>Continência sexual (solteiro)</i>	X	<i>Continência sexual (solteiro) E Sexualidade (casado)</i>	X	X	<i>Sexualidade (casado)</i>
Subestimação das distinções sexuais		<i>Alta importância das distinções sexuais</i>	X	X	<i>Alta importância das distinções sexuais</i>
<i>Ausência de classe</i>	X	<i>Ausência de classe</i>			Distinções de classe
<i>Humildade</i>	X	<i>Humildade</i>			Justo orgulho da posição
Descuido com a aparência pessoal		<i>Cuidado com a aparência pessoal</i>	X	X	<i>Cuidado com a aparência pessoal</i>
<i>Nenhuma distinção de riqueza</i>	X	<i>Nenhuma distinção de riqueza</i>			Distinções de riqueza
<i>Altruísmo</i>	X	<i>Altruísmo</i>			Egoísmo
Obediência total		<i>Obediência apenas à classe superior</i>	X	X	<i>Obediência apenas à classe superior</i>
<i>Sacralidade</i>	X	<i>Sacralidade</i>			Secularidade
<i>Silêncio</i>	X	<i>Silêncio</i>			Fala
<i>Suspensão dos direitos e obrigações de parentesco</i>	X	<i>Suspensão dos direitos e obrigações de parentesco</i>			Obrigações e direitos de parentesco
<i>Referência contínua aos poderes místicos</i>	X	<i>Referência contínua aos poderes místicos</i>			Referência intermitente aos poderes místicos
<i>Insensatez</i>	X	<i>Insensatez</i>			Sagacidade
<i>Simplicidade</i>	X	<i>Simplicidade (não possui todo o conhecimento)</i>			Complexidade
<i>Aceitação de dores e sofrimentos</i>	X	<i>Aceitação de dores e sofrimentos</i>			'Evitação' de dores e sofrimentos
<i>Heteronomia</i>	X	<i>Heteronomia</i>			Graus de autonomia

Quadro 2 - Propriedades Congruentes da Liminaridade e Novo Convertido
 Fonte: adaptado de Turner (1974, p. 130-131) com os dados de pesquisa (2019)

Diante do levantamento teórico desse estudo, pode-se efetuar a identificação da liminaridade nos escritos teóricos da antropologia de Van Gennep, Turner e Noble e Walker. E de acordo com a definição da transição liminar apontada por eles, foi possível construir um panorama referente a transição do novo convertido protestante, assim, cria-se inicialmente os passos da transição adaptado de Noble e Walker (1997) durante o levantamento teórico e depois com os dados resultantes das entrevistas, chega-se a um modelo sobre a transição liminar do novo convertido protestante.

No Quadro 3 são descritos os momentos de trânsito do neófito, diferente das outras estruturas, este modelo tem uma segmentação a mais. O processo de transito protestante pode iniciar com a participação do não convertido e seu não interesse apesar de visitar a igreja, este não apresenta interesse em participar; o indivíduo que quer converter-se participa de alguns eventos da igreja, porém, não mantém vínculo; o indivíduo pré-liminar é aquele que consome esporadicamente as

atividades da igreja (reuniões/cultos, eventos, cursos) e demonstra interesse em participar da igreja; o indivíduo liminar é aquele que aceitou publicamente Jesus e começa a consumir as atividades semanais da igreja, sejam elas reuniões ou cursos; Pós-liminar é o indivíduo que partiu para o processo de batismo e consome os cursos/treinamentos oferecidos na igreja, participa de algum ministério ou convocações esporádicas de atividade em grupo, como mutirão de limpeza ou organização de eventos e, por fim; o indivíduo convertido é aquele que é reconhecido pelos pares pela participação como líder de célula ou diácono na igreja.

Genep (1909)	Separação		Margem	Reagregação		
Turner (1974)	Pré-Liminar		Liminar	Pós-Liminar		
Noble & Walker (1997)	Evento com objetivo gatilho	Desligamento simbólico do papel	Ambiguidade de papel	Absorção simbólica do novo papel	Benefícios psicológicos	
Passos da transição adaptado de Noble e Walker (1997)	Conhecendo a igreja pentecostal - apresentação da igreja por alguém - participação de grupo de oração (célula) - participação de cultos - participação de eventos festivos	Opção por seguir a nova igreja - participação de cursos de membresia - integração com a igreja - faz o processo de batismo - Se vê como novo convertido	Reconhecimento e desprendimento - desprendido das antigas convicções religiosas. - Tenta se reconhecer como novo convertido, mas pode não ser visto como convertido pela <i>communitas</i> . - Período de adaptação ao novo contexto	Reconhecimento pela <i>communitas</i> - reconhece-se e é reconhecido como convertido efetivo e frequentador da igreja.	Pleno em sua condição de conversão - se reconhece e como cristão - Aceito pela <i>communitas</i> - Reconhecido como membro da igreja e conhecedor da palavra - Imagem e comportamento de cristão	
Transição de neófitos protestantes	Não convertido	Quer converter -se	Pré-liminar	Liminar	Pós-liminar	Convertido
	-Visita a igreja; -Não mantém vínculo.	-Participa dos eventos; - Não mantém vínculo.	-Frequenta esporadicamente; -Quer fazer parte da igreja.	-Aceitou Jesus e/ou -Começou a frequentar as atividades da igreja.	-Batizado -Participa de cursos/ministérios e atividades mais frequentes na igreja.	-Faz parte de liderança ou ministérios na igreja.

Quadro 3 - Fases de Transição nos Ritos de Passagem do Novo Convertido Protestante

Fonte: dados de pesquisa, adaptado de Genep (1909), Turner (1974) e Noble e Walker (1997).

4.1 O Neófito pelo Neófito

Com vistas compreender sob o olhar do próprio neófito a classificação do novo convertido, recomenda-se por identificar junto a estes como eles veem o novo convertido, o que eles entendem pelo indivíduo, quais seriam suas características e comportamentos. Portanto, indicase três posicionamentos dimensionais que os neófitos utilizam para classificar os novos convertidos: *Conhecimento, Comportamento e Participação*. Estas classificações são indicadas mediante ao discurso dos neófitos entrevistados, conforme segue abaixo.

O uso de metáforas representativas de passagem é também uma forma de representação da transição, conforme indica a resposta da neófito C3M, "Eu entendo como novo convertido a pessoa que está caminhando por um deserto. Eu acho que nós já passamos desse estágio.",

complementa ainda que *"No começo era como se a gente tivesse se arrastando, aquilo não evoluía. O novo convertido é isso. Ele está no deserto, não sai e precisa de uma ajuda. Eu acho que a gente já saiu de lá."* Assim, o neófito é o indivíduo que está em trânsito, caminhando, movendo-se ainda. Ao identificar o indivíduo novo na fé, existe a dificuldade de observação, conforme descreve E4M, *"E nova convertida, ainda não consegui. Eu só sei quem é nova convertida, mesmo, porque conversam comigo, e falam... eu vejo quem vai lá na frente da igreja."* O que podemos chamar como ambiguidade da identificação do neófito, o neófito que não consegue perceber o neófito.

Em contrapartida, ao explicar o contexto que envolve o papel do novo convertido, em alguns momentos houve a autoidentificação de pertencimento ao grupo de neófitos. A auto-observação, parte do pressuposto da sensatez e humildade de discurso, observado pela neófita C2M, *"Particularmente, eu me vejo como nova convertida. "Portanto, as características em comum deste indivíduo, se concentram na ideia de que: o estágio de neófito é contínuo; o estágio de neófito é comum a todo cristão; tempo ambíguo ou atemporalidade; estado de pertencimento temporal; indicação é ofensiva e segregadora.*

(i) Conhecimento

Da mesma forma que foi encontrada no discurso dos pastores a noção de deter conhecimento é indicada nas respostas dos neófitos.

Sendo o ser iniciado, ele detém pouco conhecimento. E pela observação da neófita C4M *"Acho que novo convertido, tipo, é a pessoa que está iniciando, que ainda não consegue ainda seguir, não consegue seguir não, quero dizer assim, não sabe tudo."* Complementando afirma ser aquele que *"Ainda não tem muito conhecimento do que é o certo, o que é errado, tipo, está aprendendo, está na busca de acertar, de conhecer mais Deus. Acho que nós somos novos"*.

O caminho da busca do conhecimento é um senso comum entre alguns neófitos que se veem como novo convertidos, conforme relata C2H, *"Também me vejo como um novo convertido. Nós pensamos na mesma linha, sempre conversamos sobre isso. Eu e ela [Esposa] sempre queremos buscar mais."*

Ser convertido tem relação com conhecimento, *"Para mim, eu sou convertido. Mas aquela questão só de diferença de conhecimento."* (C4H), e de graus de acesso *"De escala."* (C4M).

O novo convertido é aquele que está descobrindo/aprendendo o conhecimento, *"Acho que novo convertido, tipo, é a pessoa que está iniciando, que ainda não consegue ainda seguir, não consegue seguir não, quero dizer assim, não sabe tudo."* (C4M), *"Ainda não tem muito conhecimento do que é o certo, o que é errado, tipo, está aprendendo, está na busca de acertar, de conhecer mais Deus."*

A identificação e identidade do neófito são reconhecidas pelos neófitos como ganho de conhecimento, ou seja, quanto mais se tem conhecimento da bíblia e pela prática de participação das atividades da igreja, entender-se-ão como convertidos e não mais novos convertidos. Conforme expressa a entrevistada E1M:

Acho que vou ser definitivamente uma convertida mesmo, uma evangélica quando eu puder ter um conhecimento inteiro da Bíblia – que eu ainda não li inteira. E não só uma vez, porque não é uma coisa assim que lendo a primeira vez você já... é muito difícil de entender. (E1M).

E quando alguém me perguntar alguma coisa eu saber responder bem. Até porque, quando a gente tiver a nossa célula, vai servir como se fosse um pai espiritual. Então, vamos ter que dar o suporte para pessoa e saber responder as dúvidas dela. (E1M)

As metáforas fazem parte do discurso de explicação do processo de identificação pessoal do indivíduo, não convertido, novo convertido e convertido. E5H em sua descrição salienta esta

diferença de interesse e entrega pessoal ao conhecimento da palavra e aceitação de Jesus, ou seja, o novo convertido é aquele que teve a decisão do interesse em Jesus:

O não convertido pode ser aquele que está se convertendo ou que não tem relação nenhuma, então é aquela pessoa que está, onde a gente chama, no mundo. Então, é uma pessoa que não tem relação nenhuma com a igreja, ou uma pessoa que está começando a se relacionar. Mas eu acho que o novo convertido, ele se dá a partir do momento que a pessoa fala assim: "eu quero Jesus" e ela começa a ter alguma coisa com isso. Então, você fala assim, "essa pessoa se converteu, essa pessoa está começando a ser crente". Daí a pessoa, no que ela fala "daqui eu não saio, daqui ninguém me tira", ela tem uma base. Que nem já ouvi muito, você é como uma planta, uma semente que fala, daí você é plantado, daí o espírito santo rega e aí essa semente, que nem eu pensei esses tempos, ela vai primeiramente só se enraizando para baixo, aí quando ela já tem uma raiz muito forte que ela começa a crescer, porque daí começa a ter as coisas que a gente chama de dons, começa a ter ministério, que ela começa a crescer a parte de cima, mas ela está fixada faz tempo. Isso que eu creio. (E5H)

O aspecto e apelo às dúvidas relacionadas ao entendimento da bíblia é um indicador de novo na fé, segundo a descrição de C2M:

Particularmente, eu me vejo como nova convertida. Porque eu ainda me vejo com muitas dúvidas, ao mesmo tempo que estou super segura na religião e na fé, as vezes vem alguma coisa tentando me deixar com dúvidas. Aí fica meio que uma montanha russa assim. Mas eu tento pensar que talvez seja processo mesmo... (C2M)

A ambiguidade do papel é direcionadora da falta de entendimento do "eu convertido", conforme é relatado por E1M:

Eu acho que o novo convertido... talvez eu esteja na transição do novo convertido para um convertido. Porque eu já estou dentro da igreja há oito meses. Só que no começo eu ainda relutava muito, sabe? Eu não acreditava nas coisas que eu acredito hoje. Então, acredito que ainda estou nessa transição de novo convertido para convertido. (E1M)

A autopercepção de ter avançado no conhecimento é rememorada pela observação dos pares em relação ao neófito, conforme expõe E2M, "E até mesmo eu percebo que as pessoas também não me veem como antes". Sendo vista como ser diferente do anterior.

O conhecimento ou a falta dele irá direcionar o caminho do neófito, logo, as definições por parte dos neófitos são: indivíduo que detém pouco conhecimento; indivíduo que está a caminho na busca do conhecimento; indivíduo que está em determinado grau/escala de acesso; diferença de conhecimento; descobrindo/aprendendo; momento de ganho de conhecimento; decisão pelo interesse em Jesus; começando a ser crente; tem dúvidas relacionadas ao entendimento da bíblia; não entende o "eu convertido"; é um ser diferente do anterior.

(ii) Comportamento

A dúvida entre ser e não convertido paira sobre alguns entrevistados, justamente pelo fato de que não haveria um entendimento mais completo sobre o ser novo convertido. O ato de deixar de atuar segundo preceitos anteriores a conversão, para E2M são indicadores, "Na verdade o novo convertido não faz mais do que ele fazia antes. Então, eu não sei se sou uma nova convertida ou... porque coisas que eu fazia antes eu não faço mais. É uma nova vida, uma nova pessoa. Eu vejo que parece que não sou eu.". A incerteza na identificação da mudança de comportamento impede a qualificação do neófito enquanto neófito.

A auto consideração de convertido, vêm junto com a autoidentificação de mudança de comportamento pela aplicação dos preceitos depreendidos pelo estudo da "palavra", conforme aponta C1H

Eu me considero, por causa do conhecimento que eu tive da palavra, por causa das coisas que aconteceram na minha vida, de como eu estou conduzindo a minha família, minha esposa e meus filhos. Como eu estou tratando as pessoas, como as pessoas estão vendo à minha maneira de pensar. Tem uns que não acreditavam, não acreditam que eu mudei. Eu me considero convertido. (C1H)

E esta condição de nova convertida é observada pela neófita na medida da mudança de seu comportamento, "*Por que você que aquilo não faz mais parte de você. É daquela velha pessoa. Eu já me considero uma pessoa convertida, pelo fato do que eu fazia antigamente... uma nova vida, eu não faço mais.*" (E2M).

O neófito possui comportamentos característicos da transição, auto condenação, autocontrole, conforme expõe C1H ao informar que consegue 'bloquear' seus pensamentos, "*de bloquear. Deus, por favor, me tira esse pensamento. Eu falei para C1M, muda até a maneira de olhar as mulheres na rua. Você vê na rua a mulherada tudo de calção curto, mini saia, antes se olhasse diria 'ô que...'*".

Também, sua representação é a consideração de um indivíduo instável, ao que representa pela fala do neófito E5H,

"Eu acho que um novo convertido ele tem muito mais chance de cair na fé, mais do que um convertido e eu creio que essa fixação, esse momento que você fala "não, daqui eu não saio, daqui ninguém me tira" é o momento que você já está convertido. Mas se for para ver por tempo, então eu sou um novo convertido ainda." (E5H)

Pela interpretação do mesmo,

O não convertido pode ser aquele que está se convertendo ou que não tem relação nenhuma, então é aquela pessoa que está, onde a gente chama, no mundo. Então, é uma pessoa que não tem relação nenhuma com a igreja, ou uma pessoa que está começando a se relacionar. Mas eu acho que o novo convertido, ele se dá a partir do momento que a pessoa fala assim: "eu quero Jesus" e ela começa a ter alguma coisa com isso. Então, você fala assim, "essa pessoa se converteu, essa pessoa está começando a ser crente". Daí a pessoa, no que ela fala "daqui eu não saio, daqui ninguém me tira", ela tem uma base. Que nem já ouvi muito, você é como uma planta, uma semente que fala, daí você é plantado, daí o espírito santo rega e aí essa semente, que nem eu pensei esses tempos, ela vai primeiramente só se enraizando para baixo, aí quando ela já tem uma raiz muito forte que ela começa a crescer, porque daí começa a ter as coisas que a gente chama de dons, começa a ter ministério, que ela começa a crescer a parte de cima, mas ela está fixada faz tempo. Isso que eu creio. (E5H)

O processo de conversão incipiente leva o fiel, a cometer erros ou pecados, diferente do fiel convertido, onde o conhecimento e o processo de domínio próprio fazem com que as ações do indivíduo sejam firmes, a confirmação da plena conversão praticada pelo autoconvencimento e fuga do pecado, conforme aponta E5H,

Bom, eu acho que a base da qual você está fixada. Eu acho que um novo convertido ele tem muito mais chance de cair na fé, mais do que um convertido e eu creio que essa fixação, esse momento que você fala "não, daqui eu não saio, daqui ninguém me tira" é o momento que você já está convertido. Mas se for para ver por tempo, então eu sou um novo convertido ainda. (E5H)

O aspecto de renovação pela criação ou consecução do novo eu, é observada no discurso da neófita E2M, "*Na verdade o novo convertido não faz mais do que ele fazia antes. Então, eu não sei se sou uma nova convertida ou... porque coisas que eu fazia antes eu não faço mais. É uma nova vida, uma nova pessoa. Eu vejo que parece que não sou eu.*"(E2M)

A noção de perfeição vem permeada pelo ser identificado como 'falho', ao continuar com os comportamentos anteriores, "*A gente não pode ser falho, mas tem que querer, você tem que ir buscar. E eu vejo como eu era e já estou em um nível (acima). Não estou naquele chãozinho; já está um pouquinho elevado.*" (E2M).

A mudança de caráter individual enquanto novo convertido é percebido por alguns neófitos, seja pela explicação dos próprios comportamentos ou aprendizagem verbal do comportamento acertado, levando ao entendimento da transformação que se dá pelo processo de passagem e papel de neófito junto ao grupo,

Porque o que Deus fez na nossa vida é transformação. Quem viu a gente antes e vê hoje sabe. (C3M)

Eu fico impactado, porque é impressionante a mudança. (C3H)

Não, é para tudo. Por exemplo, vamos dizer assim que se eu não tivesse ido na Alcance, não tivesse ido no encontro com Deus, hoje eu poderia estar do mesmo jeito. Mais estourado, mais grosseiro. Então partiu também de mim e do que os outros comentavam: “não, vai ser melhor para você, um crescimento para você, a questão do comportamento”, essas coisas. Então o intuito era melhorar para mim, melhorar para a C4M [esposa], para o casal e, conseqüentemente, para a Isadora [filha], porque a gente quer o melhor para ela. (C4H)

Só sei que quando muda tua cabeça... mudou minha cabeça, o modo de ver minha família, de eu tratar minha esposa, meus filhos, tratar minha mãe, meus filhos. Claro, eu fui ignorado no trabalho, me isolaram, ficavam criticando, falando por trás. (C1H)

Com certeza. Acho que melhor para você mesmo. Assim, teus erros, você vê bastante com os cursos. E para a família, dão ênfase para a família inteira, não só para a pessoa maior, e sim da criança até...(E6H)

Então me impactou totalmente. Tenho certeza que a mãe que eu era antes de entrar naquela igreja aquele dia não era mais depois que saí de lá. Eu mudei completamente a minha forma de ver a maternidade, a maneira de educar. (C2M)

No aspecto comportamental, o neófito relata a sua mudança entre o eu não convertido e o eu novo convertido. Os léxicos que descrevem são: incerteza na autoidentificação da mudança de comportamento; identificação da mudança de comportamento; mudança de caráter individual; mudança de pensamento; mudar completamente; transformação; comportamentos da transição: autocondenação, autocontrole, instabilidade, fuga do pecado, não ser 'falho', renovação do eu, melhorar para si mesmo.

(iii) Participação

O sentimento de pertencer ao grupo de conhecimento só é freado pela auto avaliação de que não se tem conhecimento pleno para aplicar em direção a explicação à outra pessoa. O neófito C2H, ao explicar o porquê se sente neófito, rememora o receio da falta de conhecimento para expressar o que tem aprendido para outras pessoas, ou seja, a prática do levar a palavra não é efetuada pela identificação da falta de conhecimento da bíblia. Assim como a esposa C2M ele afirma sentir-se novo convertido pela falta de conhecimento mais aprofundado:

Também me vejo como um novo convertido. Nós pensamos na mesma linha, sempre conversamos sobre isso. Eu e ela sempre queremos buscar mais. Igual ela fala: a gente tem um pouco de receio de dar um conselho praquela pessoa e talvez dar errado. As vezes tocar no assunto de Deus para alguém que talvez seja da igreja, ou seja evangélico de qualquer outra, ou não seja. Para pessoa defrontar com a gente e depois não souber responder...(C2M)

A participação junto aos pares é um indicativo de nova conversão, conforme apontado pelos pastores, mas também pelos neófitos. O trânsito da passagem do novo convertido para o convertido, é comemorado pela frequência de participação e entendimento e aceitação dos novos conhecimentos, conforme aponta a neófito E1M, ao descrever sua condição:

Eu acho que o novo convertido... talvez eu esteja na transição do novo convertido para um convertido. Porque eu já estou dentro da igreja há oito meses. Só que no começo eu ainda relutava muito, sabe? Eu não acreditava nas coisas que eu acredito hoje. Então, acredito que ainda estou nessa transição de novo convertido para convertido. (E1M)

A atuação junto aos eventos ofertados pela igreja, a participação dos eventos provê conhecimento e experiência enquanto prática cristã, pois, o processo de conversão é entendido como um processo de evolução diário, e nesse contexto, participar do Encontro com Deus e a busca diária pelo conhecimento traz entendimento que promove a evolução ao novo convertido, relata que "*Na verdade é diariamente, não só no batismo. Nesse processo o que fez bastante diferença foi eu ter ido para o Encontro com Deus.*" (E2M).

A prática das atividades do dia a dia foi direcionada para a nova crença, no caso do neófito E5H, que passou a tocar guitarra para Deus, passou a ter mais amigos e conhecer novas pessoas, ou seja, participação junto ao coletivo,

É mais puxado para isso mesmo, eu passei a ter mais amigos, conheci novas pessoas, e eu comecei a fazer mais coisas que eu já fazia, só que com mais intensidade. Então, por exemplo, antes eu tocava guitarra por minha conta, mas agora eu toco para Deus, então eu treino para ser melhor para Deus. E eu toco para Deus também. E mais, o que eu vejo, eu peguei mais dedicação em tudo o que eu faço, por causa que eu aprendi, porque por ele e para ele são todas as coisas, então faça o que você for fazer como se fosse para Deus. (E5H)

O aspecto de prática (participação) dos neófitos é também compreendido por participação, aponta ideias de: receio da falta de conhecimento para levar a palavra; frequência de participação das atividades; participação dos eventos; prática das atividades cotidianas é para Deus; participação junto ao coletivo.

CONCLUSÃO

O consumo de uma nova religião é notadamente um aspecto relevante na sociedade pós moderna, pois a busca pela identificação e participação na sociedade e pela busca da evolução individual tem levado ao consumo da espiritualidade de forma mais intensa. No tocante a realidade protestante, os apontamentos do IBGE denotam um crescimento, e entende-se que novo convertido é o ser liminar na religião protestante, e que até então, não havia sido classificado de maneira descritiva na teoria associativa entre liminaridade e consumo. De tal modo, buscou-se por meio das falas dos próprios neófitos descrevê-los e compará-los. Compreender o contexto em que o neófito existe na existência social tem sido uma tarefa difícil, pois sua denominação é modificada de acordo com a estrutura do grupo social, do esforço de compreensão social e teórica.

Esta pesquisa apontou três eixos de identificação e percepção individual do neófito: o conhecimento, o comportamento e a prática. Segundo os próprios neófitos, o conhecimento ou a falta dele irá direcionar o caminho do neófito, que será dado pelo consumo de livros, cursos e reuniões. O comportamento irá demonstrar a transição efetiva, geralmente apontando um melhoramento no comportamento individual autopercebido. O aspecto de prática (participação) dos neófitos é compreendido por participação, ou seja, pelo consumo de materiais que tragam informação para ação prática como participação de cultos, treinamentos e eventos.

Entre os desafios desta pesquisa, esteve em identificar uma definição adequada que contemplasse a nomenclatura adequada para o novo convertido. Inicialmente, convém esclarecer as nomenclaturas e definições encontradas: neófito, recém-plantado, recém-nascido (Subirá, 2018), prosélito, novo convertido, recém-convertido, novo cristão, novo na fé, noviços, crente fresco, bebê na fé, novos entrantes, novo admitido, novo engajado, novo iluminado (católico), etc. Utiliza-se termo neófitos, para fins desta pesquisa. Expressões estas que são modificadas de acordo com a cultura da igreja ou tipo de religião cristã.

Entende-se que o processo de liminaridade é complexo, visa tanto incitar quanto aliviar a ambivalência durante a transição de papel (Ogle, Tyner & Schofield-Tomschin, 2013). Contudo, esta pesquisa em seu contexto holístico traz apontamentos sobre o consumo da religião em si moldando o processo de conversão e moldando a forma como os pares enxergam a si mesmo e aos outros. Estudos futuros podem abordar outras formas religiosas, organizações educacionais e fabris.

REFERÊNCIAS

- Ashforth, B. E., & Johnson, S. A. (2001). Which hat to wear? The relative salience of multiple identities in organizational contexts. In: Hogg, M. A. & Terry, D. J. (Eds), *Social Identity Processes in Organizational Contexts*, pp. 31-48. Philadelphia, PA: Psychology Press.
- Atkin, Douglas. (2004). *The Culting of Brands: When Customers Become True Believers*. New York: Portfolio.
- Barros, Carla Fernanda Pereira. (2007). Trocas, hierarquia e mediação: as dimensões culturais do consumo em um grupo de empregadas domésticas. *Tese* (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, Instituto COPPEAD de Administração, 259 f.

- Belk, R. W. (1988, September). Possessions and the extended self. *Journal of Consumer Research*, 15(2), 139–168.
- _____, & Tumbat, Gülnur. (2005). The Cult of MacIntosh. *Consumption, Markets & Culture*, 8 (3), 205–217.
- _____, & Wallendorf, Melanie. (1990). The Sacred Meanings of Money. *Journal of Economic Psychology*, 11(1), 35–67.
- _____, John F. Sherry, Jr., & Melanie Wallendorf. (1988). A Naturalistic Inquiry into Buyer and Seller Behavior at a Swap Meet. *Journal of Consumer Research*, 14(4), 449–470.
- _____, Melanie Wallendorf, & John F. Sherry. (1989). The Sacred and Profane in Consumer Behavior: Theodicy on the Odyssey. *Journal of Consumer Research*, 16(1), 1–38.
- Bridges, William (1980), *Transitions*, Reading, MA: AddisonWesley.
- Da Matta, Roberto. (1981). *Universo do Carnaval: Imagens e Reflexões*. Rio de Janeiro: Pinakothek.
- _____. (2000). Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *MANA*, 6(1), 7-29.
- Ebaugh, H. R. F. (1988). *Becoming an Ex: The Process of Role Exit*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Featherstone, Mike. (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- Goodman, Douglas J.; Cohen, Mirelle. (2004). *Consumer culture: a reference handbook*. California: ABC-CLIO, Inc.
- Hirschman, Elizabeth. (1985). Primitive Aspects of Consumption in Modern American Society. *Journal of Consumer Research*, 12(2), 142–154.
- _____. (1988). The Ideology of Consumption: A Structural-Syntactical Analysis of ‘Dallas’ and ‘Dynasty’. *Journal of Consumer Research*, 15(3), 344–359.
- Hogg, M., C. Folkman, C. F. Curasi, & P. Maclaran. (2004). The (re-)configuration of production and consumption in empty nest households/families. *Consumption, Markets and Culture*, 7(3), 239-259.
- _____, P. Maclaran, & C. F. Curasi. (2003). Consumption, role transitions and the reconstruction of the self: an exploratory study of social capital within the context of 43 transitional consumers. *European Advances of Consumer Research*, 6(1), 258-262.
- Iacobucci, Dawn. (2001). Commonalities between Research Methods for Consumer Science and Biblical Scholarship. *Marketing Theory*, 1(1), 109–133.
- Ibarra, Hermina. (2003). *Working Identity: Unconventional Strategies for Reinventing Your Career*. Boston: Harvard Business School Press.
- Ibarra, Hermina. (2007). *Identity transitions: possible selves, liminality and the dynamics of voluntary career change*. France: INSEAD.
- Jeyaraj, J. (2004). Liminality and othering: The issue of rhetorical authority in technical discourse. *Journal of Business and Technical Communication*, 18(1), 9–38.
- McKechnie, Roz; Jaye, Chrys, & MacLeod, Rod. (2010). The liminality of palliative care. *SITES: New Series*, 7(2), 9-29.
- Myerhoff, Barbara C., Camino, Linda A., & Turner, Edith. (2005). Rites of Passage: an Overview. In: Lindsay Jones (Ed.), *Encyclopedia of Religion*. (vol. 11, 2nd edition), Detroit: Thomson Gale.
- Noble, C. H. & B. A. Walker. (1997). Exploring the relationships among liminal transitions, symbolic consumption, and the extended self. *Psychology and Marketing*, 14(1), 29-47.

- Osherton, S. D. (1980). *Holding On and Letting Go: Men and Career Change at Midlife*. New York: Free Press.
- O'Guinn, Thomas C., & Russell W. Belk. (1989). Heaven on Earth: Consumption at Heritage Village, USA. *Journal of Consumer Research*, 16(2), 227–238.
- Ogle, Jennifer Paff., Tyner, Keila E., & Schofield-Tomschin, Sherry. (2013). The role of maternity dress consumption in shaping the self and identity during the liminal transition of pregnancy. *Journal of Consumer Culture*, 13(2), 119–139.
- Ostwalt, Conrad E. (2003). *Secular Steeples: Popular Culture and the Religious Imagination*. Harrisburg, PA: Trinity Press International.
- Patrick, V. M., D. J. MacInnis, & V. S. Folkes. (2002). Approaching what we hope for and avoiding what we fear: the role of possible selves in consumer behaviour. *Advances in Consumer Research*, 29(1), 270 – 276.
- Ragas, M. W., and B. J. Bueno. (2002). *The Power of Cult Branding: How 9 Magnetic Brands Turned Customers into Loyal Followers (and Yours Can, Too)*. New York: Crown Business.
- Rinallo, Diego. (2009). 'Living a Magical Life': Sacred Consumption and Spiritual Experience in the Italian Neo-Pagan Community. In: McGill, Ann L. & Shavitt, Sharon (Eds). *Advances in Consumer Research*, (Vol. 36, pp. 60–63). Duluth, MN: Association for Consumer Research.
- _____, Scott, Linda & Maclaran, Pauline. (2012). *Consumption and Spirituality*. New York: Routledge.
- Rutherford, Vanessa & Pickup, Ian. (2015). Negotiating Liminality in Higher Education: Formal and Informal Dimensions of the Student Experience as Facilitators of Quality. In: Curaj, Adrian., Matei, Liviu., Pricopie, Remus., Salmi, Jamil., & Scott, Peter. (2015). *The European Higher Education Area: Between Critical Reflections and Future Policies*. London: Springer open.
- Shomaker, D. J. (1989). Age disorientation, liminality and reality: The case of the Alzheimer's patient. *Medical Anthropology*, 12(1), 91-101.
- Solomon, M. R. (1983). The role of products as social stimuli: a symbolic interactionism perspective. *Journal of Consumer Research*, 10(3), 319-329.
- Stephenson, Barry. (2005). Rites of Passage (Further Considerations). In: Lindsay Jones (Ed.). (2005). *Encyclopedia of Religion*. (vol. 11, 2nd edition), Detroit: Thomson Gale.
- Subirá, Luciano. (2018). *Maturidade acesso à herança plena*. 1 ed. Rio de Janeiro: Central gospel Ltda.
- Thrift, N. (2008). *Non-representational theory: space, politics, affect*. New York: Routledge.
- Turner, Victor. (1964). Betwixt and Between: The Liminal Period in Ritesde Passage. In: Helm, j. (Ed.) (1964). *Symposium on New approaches to the study of religion: Proceedings of the 1964 Annual spring Meeting of American Ethnological Society*, pp. 4–20, Seattle: American Ethnological Society.
- _____. (1969). *The ritual process, structure and anti-structure*. Chicago: Aldine.
- _____. (1974a). *Dramas, fields and mXX: Symbolic action in human society*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- _____. (1974b). *O Processo Ritual: Estrutura e Anti-Estrutura*. Petrópolis, R.J.: Vozes.
- _____. (1990). *La selva de los símbolos*. Madrid: Siglo XXI, p. 103-123.
- Van Gennep, Arnould (1909) *Les Rites de passage*. Paris: A. et J. Picard.
- _____. (1960). *The Rites of Passage*. Chicago: Phoenix Books/University of Chicago Press.
- Voice Group. (2008). Buying into motherhood? Problematic consumption and ambivalence in transitional phases. *Consumption, Markets and Culture*, 13 (4, Special Issue), 373-397.

- _____. (2010). Buying into motherhood? Problematic consumption and ambivalence in transitional phases. *Consumption Markets & Culture*, 13, 373–397. Doi:10.1080/10253866.2010.502414.
- Wallace, Anthony. (1966). *Religion: Na Anthropological View*. New York: Random House.
- Zembylas, M. (2007). *Five pedagogies, a thousand possibilities: struggling for hope and transformation in education*. Rotterdam/Taipei: Sense Publishers.